

UMA MAGIA DE INVERNO

Uma cidade quente do Mediterrâneo, dentro das fronteiras italianas, havia me hospedado por sessenta e um anos: um corpo inquieto em busca da sua dimensão real, e uma mente que já vivia na América.

A minha América. Aquela que me fazia chorar sempre que eu olhava para a bandeira, acelerando os meus batimentos de maneiras impossíveis. Aquela que um dia me hospedaria, esperando para me acolher nas profundezas da sua terra.

Foi naquele dia que recebi um telefonema da minha tia. Ela me disse que os meus avós haviam morrido. Velhice.

Trezentos quilômetros nos separavam, mas nada e ninguém poderia ter me detido. Entrei no carro e dirigi. Quatro horas depois, cheguei.

A casa estava fechada. Uma vizinha, assim que me viu, me cumprimentou e me convidou para um café. Mas o meu tempo não era aquele.

Eu sempre tive as chaves da casa. Um traço típico dos Frega: prevenir o problema é sempre melhor do que ter de achar a solução. Era isso que nós éramos.

Entreí. Eu ainda sentia o cheiro da casa, dos quartos, dos armários, da cozinha, e daquela lareira que havia me feito companhia no inverno de 1977, quando eu tinha apenas doze anos. Tudo o que se fora já não estava ali. Mas as memórias ainda estavam.

O instinto me puxou para o sótão.

Dois ratinhos me receberam. Nem um pouco assustados. Estavam ali como se estivessem à minha espera, como se tivessem de me guiar até alguma coisa.

Eles me levaram até uma mala de papelão, fechada, coberta por uma grossa camada de poeira.

A curiosidade me empurrou a abri-la. Os dois ratinhos pareciam satisfeitos, como se tivessem cumprido uma tarefa.

Dentro, encontrei um caderno.

Uma caligrafia única, toda em letra de forma, inconfundível. Era a do meu pai.

Uma das histórias trazia uma data: 21 de fevereiro de 1955. Por coincidência, exatamente o dia do meu nascimento — só o ano era diferente. Ele havia escrito aquelas linhas dez anos antes de eu vir ao mundo.

Ele estava escrevendo para Deus.

Pedia uma família, uma esposa e filhos. E um em especial: um menino. Ele o chamaria Ferdinando, como o pai dele. Mas o pedido não terminava aí.

Comecei a chorar intensamente. Tive medo de molhar o caderno, então mudei para o modo de soluçar sem lágrimas. Aquele que eu usava só na vida, na presença de mulheres — uma das minhas maneiras de fazê-las se render, uma das minhas maneiras de trapacear. Eu sou Frega.

A descrição de como ele queria o filho era detalhada. E, sem me alongar, no fim eu me encontrei ali. Quem eu sou.

E foi um daqueles momentos em que fiz a mim mesmo uma única pergunta:

Quem era o meu pai?

A genealogia fez o resto. Porque, junto com aquela pergunta, com o meu sobrenome, com aquilo que eu sou, hoje as pessoas sempre perguntam a mesma coisa:

Frega é de verdade, ou são trapaceiros? Um pouco dos dois. Nós somos os Frega.

O meu pai pediu um filho a Deus. Deus atendeu ao pedido. Mas a entrega saiu errada. O modelo era americano. Chegou na Itália.

Nando

Ferdinando Frega — gillettenarrative.com